A JORNADA DE UMA MULHER AO REDOR DO MUNDO

A WOMAN'S JOURNEY ROUND THE WORLD

Traduzido por:
Gisele Jordana EBERSPÄCHER^{i*}
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Paraná, Brasil

Resumo: A seguinte publicação apresenta a tradução de um excerto da obra da escritora austríaca Ida Pfeiffer (1797–1858). Viajante e escritora, ela realizou em sua vida cinco grandes viagens, cujos registros foram publicados em cinco livros, um deles póstumo. A terceira e a quarta viagens que empreendeu foram voltas ao mundo e, entre suas jornadas passou por todos os continentes, com exceção da Antártida. O trecho selecionado e apresentado aqui corresponde ao começo do segundo capítulo do terceiro livro da autora, *Eine Frau fährt um die Welt* [A jornada de uma mulher ao redor do mundo]. Neste texto, a Ida Pfeiffer narra sua primeira volta ao mundo, uma jornada que a levou da Áustria para o Brasil, Chile, China, Índia, Pérsia e Ásia Menor. Os primeiros capítulos do livro são dedicados tanto à viagem de navio até o Hemisfério Sul quanto à descrição de Pfeiffer do país e de suas experiências no local, assim como sua partida com destino ao Chile. Entre as cidades que conheceu durante a estadia de mais de dois meses em 1846 estão Rio de Janeiro, Petrópolis, Nova Hamburgo, São Paulo e Santos, além de pequenos vilarejos e uma aldeia indígena no interior do estado fluminense. O segundo capítulo do livro se aprofunda nas impressões da autora sobre a então capital do país, o Rio de Janeiro. Para tanto, a autora faz uma descrição do espaço encontrado por ela na cidade, como praças, ruas, igrejas, casas e comércio. Além disso, a autora nota a diferença social existente entre brancos e negros, então escravizados, e registra sua opinião desfavorável à escravidão e sua defesa de uma educação mais inclusiva. O trecho apresentado termina com a descrição da autora da arte e da ciência produzidas no país, incluindo a Academia de Belas Artes, o Museu e o Teatro Municipais.

Palavras-chave: Relato de Viagem. Literatura Austríaca. Relatos sobre o Brasil. Ida Pfeiffer. Viajante mulher.

Abstract: The following text presents the translation of an extract of the work of the Austrian female writer Ida Pfeiffer (1797-1858). Traveler and writer, she made five big journeys in her lifetime, all of which were published in book format – the last one was published after her death. Her third and fourth trips were actually journeys around the world and she visited, among all of her travels, all continents except for Antarctic. The extract presented here is the beginning of the second chapter of her third book, *Eine Frau fährt um die Welt* (A woman's journey round the world). In this text, Ida Pfeiffer narrates her first travel around the world, a journey that took her from Austria to Brazil, Chile, China, India, Persia and Asia Minor. The first chapters of the book are dedicated both to her ship journey to the Southern Hemisphere and the description of her experiences in the country, as well as her departure to Chili. Among the cities that she visited in her two-month-stay in the country in 1846 are Rio de Janeiro, Petrópolis, Nova Hamburgo, São Paulo and Santos, as well as other small villages and an Indian settlement in the inland part of Rio de Janeiro. The second chapter specifically focuses in the impressions of the author of the then capital of Brazil, the city of Rio de Janeiro. To do such, the author describes the space of the city: squares, streets, churches, houses and shops. Besides, the author notices the social difference between white people and black people, that at the moment were still slaves, and registers her opinion against slavery and approbative of a more inclusive educational system. The extract finishes with the author's description of art and science produced on Brazil, including the Academy of Arts and Municipal Museum and Theatre.

Keywords: Travelogue. Austrian Literature. Accounts on Brazil. Ida Pfeiffer. Female travelers.

RECEBIDO EM: 22 de setembro de 2019

ACEITO EM: 25 de novembro de 2019

PUBLICADO EM: março 2020

Capítulo 2

Ida Pfeiffer

Traduzido por: Gisele Jordana Eberspächer

Chegada e estadia no Rio de Janeiro

Passei, sem contar o tempo que dediquei a excursões longas e curtas ao interior do país, dois meses no Rio de Janeiro. Mas não quero cansar meu leitor com uma lista completa de todos os acontecimentos cotidianos e insignificantes – descreverei apenas as maravilhas gerais da cidade e as maneiras e costumes de seus moradores, da mesma forma que tive a oportunidade de conhecer durante minha estadia. Apresentarei a descrição das minhas excursões nos capítulos seguintes, e só então retomarei o fio do meu diário.

Na manhã do dia 17 de setembro, depois de quase dois meses e meio, pisei novamente em terra firme. O capitão nos acompanhou pessoalmente até a costa, depois de ter recomendado enfaticamente a todos que não contrabandeássemos nada para dentro do país, muito menos cartas seladas. "Em nenhum outro lugar", assegurou, "a alfândega é tão rigorosa e as multas, tão altas".

Por isso, quando avistamos o navio da guarda costeira, ficamos receosos e achamos que seríamos revistados da cabeça aos pés. O capitão pediu permissão para nos acompanhar até a terra firme, o que logo foi atendido. A coisa toda resolveu-se rapidamente. Durante o tempo que ficamos hospedados no navio, indo e voltando da cidade, nunca mais fomos revistados; tínhamos que passar pela alfândega somente quando trazíamos malas e caixas conosco, e então todos os nossos pertences eram revistados com rigor e as mercadorias, livros etc. recebiam impostos altos.

Desembarcamos na *Praya dos Mineiros*, uma praça suja e repulsiva povoada por algumas dúzias de pretos sujos e repulsivos acorados no chão, gritando a todo pulmão as ofertas de frutas e doces que vendiam. De lá fomos direto para a rua principal (*Rua direita*), cuja largura é sua única beleza. Ela contém várias construções públicas, como a Alfândega, os Correios, a Bolsa, a Guarda e outros. Elas são, porém, tão modestas que mal seriam notadas caso um aglomerado de pessoas não estivesse constantemente em sua frente.

No fim dessa rua fica o *Paço Imperial*, uma construção grande e comum como uma edificação privada qualquer, sem nenhuma pretensão de bom gosto ou arquitetura elevada. A praça à sua frente (*Largo do Paço*), ornada apenas com uma fonte, é extremamente imunda e,

durante a noite, é usada como dormitório por vários pretos pobres e livres que, pela manhã, fazem sua higiene em público sem a menor vergonha. Uma parte da praça é murada e usada como um mercado de peixes, frutas, legumes e aves.

Das demais ruas, a *Rua Misericórdia* e a *Rua Ouvidor* são ainda as mais interessantes, sendo que a última contém empórios maiores e melhores, embora não deva-se esperar encontrar nem vitrines tão belas quanto as das cidades europeias, nem nada particularmente bonito ou valioso. A única coisa que chamou a minha atenção foram as lojas de flores, que expunham as mais maravilhosas flores, feitas de penas de pássaros, escamas de peixes e asas de besouros.

Entre as praças, a mais bela é o *Largo do Rocío*ⁱⁱ e a maior é o *Largo St. Anna*. Na primeira, que é mantida razoavelmente limpa, ficam a Ópera, a Casa do Governo e a Delegacia, entre outros. Daqui também parte a maioria dos ônibusⁱⁱⁱ que cruzam a cidade em várias direções.

A última é, entre todas as praças, a mais suja; quando passei por ela pela primeira vez, vi gatos e cachorros em estado de putrefação – havia até mesmo uma mula no mesmo estado. O único ornamento da praça é uma fonte, e eu também preferia que ela não estivesse aqui, já que a nobre corporação das lavadeiras monta sua tenda sempre que encontra uma fonte de água doce, que não é tão abundante no Rio de Janeiro, principalmente quando o lugar tem também um espaço para secar as roupas. Na praça há tanta lavagem e secagem, gritaria e barulheira, que se fica aliviado em deixá-la para trás.

As igrejas não oferecem nada digno de ser visto, nem por dentro nem por fora. A Igreja e Mosteiro de São Bento e a Igreja da Candelária são as mais enganosas, já que parecem muito belas à distância.

A única construção de grande porte e verdadeiramente bela é o Aqueduto^{iv}, que em muitos lugares se assemelha a uma construção genuinamente romana.

As casas são construídas com um estilo europeu, mas são pequenas e insignificantes; a maioria tem apenas o piso térreo ou dois andares – casas de três andares são muito raras. Também não encontram-se aqui, ao contrário de outras terras quentes, terraços e varandas enfeitadas com parapeitos e flores. Sacadas pequenas e de mau gosto se penduram pelas paredes e persianas grosseiras de madeira fecham as janelas, negando aos cômodos qualquer raio de sol. Dentro das casas fica-se sentado em uma escuridão completa, o que não é, porém, um problema para as damas brasileiras, que certamente nunca se cansam com leituras ou trabalhos.

Assim, a cidade não oferece nada de muito atrativo para estrangeiros em termos de praças, ruas ou construções, enquanto as pessoas com quem se encontra na rua são

verdadeiramente assustadoras – na maioria pretos e pretas com narizes feios e chatos, lábios grossos e cabelos crespos curtos. Além disso, estão normalmente seminus, vestindo apenas alguns trapos miseráveis; ou então se enfiam nas roupas gastas de estilo europeu dos seus mestres. A cada quatro ou cinco pretos aparece um mulato, e aqui e ali se avista um branco.

A imagem fica ainda mais repulsiva por conta da alta frequência com que enfermidades, particularmente a elefantíase, que degenera os pés de maneira horrível, são vistas por todos os lugares. Não faltam, também, pessoas afetadas pela cegueira ou outras doenças. Até o grande número de gatos e cachorros que corre livremente pelas ruelas aumentam a feiura geral – a maioria deles tem uma aparência sórdida e são repletos de feridas e sardas.

Gostaria de ter o poder de transportar para cá os viajantes que recuaram diante das ruelas da entrada de Constantinopla e garantir que a visão do interior da cidade do Rio de Janeiro destrói o efeito produzido por ela quando vista à distância.

É verdade que o interior de Constantinopla também é excessivamente sujo, e que as inúmeras casinhas, as ruas estreitas e irregulares, os cachorros imundos etc. não pareçam muito pitorescas ao visitante. Mas logo depara-se novamente com construções dos períodos mouros e romanos, mesquitas maravilhosas e palácios majestosos, e pode-se continuar a caminhada por cemitérios intermináveis e florestas de ciprestes idílicos. Lá, viajantes precisam desviar-se para os lados para abrir passagem para um paxá ou de um sacerdote de alta ordem, montados em um belo corcel e seguido por um grande séquito. Encontram-se turcos em roupas esplêndidas e turcas com seus olhos de fogo brilhando através dos véus. Veem-se persas com seus chapéus altos, árabes com suas expressões nobres, dervixes com chapéus de bobo e anáguas femininas trançadas e então, de vez em quando, uma carruagem, dourada e belamente pintada, carregada por bois superbos. Todos esses objetos diferentes compensam a grande quantidade de sujeira que encontra-se ocasionalmente. No Rio de Janeiro, porém, não há nada que possa, de alguma forma, impressionar, nem nada que possa redimir as visões horríveis e repugnantes que nossos olhos encontram em todos os lugares.

Só depois de ter passado algumas semanas aqui que me acostumei a olhar para negros e mulatos e encontrei belas figuras entre as negras jovens e feições belas e expressivas entre portuguesas e brasileiras de pele mais escura. A dádiva da beleza parece ser menor entre os homens.

A vivacidade das ruas não é, de longe, tão grande quanto suporia-se a partir de algumas descrições, e não pode ser comparada com a de Nápoles ou a de Messina. A maior parte do barulho vem dos pretos que carregam cargas, principalmente aqueles que carregam os navios

com sacos de café; eles entoam um canto monótono, que usam como compasso para o trabalho, mas que tem um som deveras desagradável. Mas há uma vantagem: o pedestre é alertado da atividade e consegue sair do caminho a tempo.

No Brasil, todos os trabalhos pesados e sujos, internos ou externos, são realizados pelos negros, que ocupam aqui o espaço da classe mais baixa. Mas muitos aprendem ofícios e podem ser comparados, com frequência, aos europeus mais talentosos. Vi negros em oficinas elegantes, produzindo roupas, sapatos, tapeçaria e artigos em ouro e prata, e encontrei muitas moças negras vestidas de forma delicada, com vestidos femininos elegantes, trabalhando em bordados finos. Achei que estava verdadeiramente sonhando quando vi essas pobres criaturas, que para mim estariam correndo livremente em suas florestas nativas, realizando tais tarefas em cômodos fechados e lojas! Ainda assim, eles não pareciam tão deslocados quando se suporia; eles estavam felizes e faziam brincadeiras no trabalho.

Entre a chamada classe educada local, existem muitos que, apesar das muitas provas de capacidade mecânica e inteligência geral mostradas com frequência pelos negros, insistem em afirmar que eles são inferiores aos brancos em poder intelectual, tanto que poderiam ser considerados apenas como uma ligação entre a tribo dos macacos e a raça humana. Eu admito que eles estão um pouco atrás dos brancos em termos de formação; mas acredito que isso não seja causado por uma falta de compreensão, mas sim por uma falta completa de acesso à educação. Nenhuma escola é erguida para eles, eles não assistem nenhuma aula; não se oferece o mínimo para desenvolver suas capacidades. Suas mentes são mantidas aprisionadas, como era o caso em países déspotas antigos, já que o despertar deste povo deve deixar os brancos com medo. Eles são quatro vezes mais numerosos que os últimos e, se se tornarem conscientes desta discrepância, os brancos facilmente ocupariam a posição que os infelizes negros ocuparam até então.

Mas perco-me em suposições e ensaios que podem, talvez, pertencer à pena de um homem educado, mas certamente não à minha, já que não tenho formação suficiente para tal; meu objetivo é apenas apresentar o que vi.

Apesar do número de escravos ser muito grande no Brasil, não acha-se em lugar algum um mercado. A importação deles é publicamente proibida, mas milhares são contrabandeados anualmente e vendidos de uma forma tão dissimulada que todos sabem e todos compram. Navios ingleses cruzam constantemente as costas africanas e brasileiras; mas, se um navio negreiro cair na mão deles, os pobres negros não estariam mais livres do que no Brasil, segundo me contaram. Eles são levados para as colônias inglesas, onde deveriam ser soltos em dez anos.

Mas seus donos deixam que a maioria morra neste período – ao menos é isso que registram nos documentos – e os pobres permanecem escravos. Mas repito: só tenho acesso a essas informações porque foi assim que me contaram.

Afinal de contas, os escravos não estão em uma situação tão ruim quanto nós europeus achamos. No Brasil, eles são geralmente bem tratados, não são sobrecarregados de trabalho, recebem uma comida boa e nutritiva e os castigos não são nem tão frequentes nem tão pesados. O crime de fuga é o único visto com mais rigor. Além de uma surra severa, são presos com correntes de ferro, que devem usar por muito tempo, no pescoço ou nos pés. Outra maneira de punição consiste em fazê-los vestir uma máscara fina, presa com um cadeado na parte de trás. Este é o castigo daqueles que bebem ou comem terra e cal. Durante minha longa estadia no país, vi apenas um negro usando uma máscara assim. Mas realmente duvido se, no geral, muitos não são melhor tratados do que os servos da Rússia, Polônia ou Egito, que *não* são considerados escravos.

Foi muito interessante para mim ter sido chamada para ser madrinha de um preto, ainda que não tenha ido nem ao seu batismo, nem à sua confirmação. Aqui há um costume de que um escravo, quando faz algo errado e espera punição por isso, procure algum amigo do seu dono e peça um bilhete intercedendo pela remissão da sua punição. O escritor deste tipo de carta recebe o título de padrinho e seria considerado um gesto de grande falta de educação não atender o pedido do padrinho. Desta forma, tive a felicidade de salvar um escravo de sua punição.

A cidade é razoavelmente iluminada por um raio considerável para além da cidade; essa medida foi adotada por conta do grande número de negros que andam sozinhos. Nenhum escravo pode ser visto nas ruas depois das nove horas da noite, a não ser que tenha um visto do seu dono que certifique que ele está a trabalho. Se um escravo é encontrado de noite sem o visto, é levado para a Casa de Correção, onde tem seu cabelo raspado e é obrigado a permanecer até que seu dono compre a sua liberdade por quatro ou cinco mil réis (mil réis equivalem a 1 florim e 8 coroas austríacas). Por conta desta legislação, as ruas podem ser cruzadas com segurança a qualquer hora da noite.

Uma das coisas mais desagradáveis do Rio de Janeiro é a ausência de um sistema de esgoto. Durante chuvas fortes, cada rua transforma-se em uma correnteza impossível de se andar a pé; para atravessá-las, é necessário ser carregado por negros. Em situações como essa o trânsito normalmente para, as ruas ficam desertas, nenhum convite é honrado e até o câmbio fica indisponível. O aluguel de carruagens é muito raro, pois aqui há um costume de se pagar

por uma corrida curta o mesmo que se pagaria pelo aluguel por um dia inteiro; nos dois casos o custo é de seis mil réis. As carruagens são semi-cobertas, com assentos para duas pessoas, e são puxadas por um par de mulas, sobre uma das quais monta o cocheiro. Carruagens e cavalos ingleses são muito raros.

No que refere-se a artes e ciências, quero mencionar rapidamente a Academia de Belas Artes, o Museu, o Teatro etc. Na Academia de Belas Artes há um pouco de tudo – e, ainda assim, quase nada: algumas figuras e bustos, a maioria em gesso, alguns planos arquitetônicos, alguns desenhos a lápis e uma coleção de pinturas velhas a óleo. Para mim, parece que uma galeria privada se livrou de seu lixo e o depositou todo aqui. A maioria das pinturas está tão danificada que não pode-se mais ver, a não ser escassamente, o que elas deveriam representar, o que talvez não seja uma grande perda. A única coisa respeitável sobre estas pinturas é sua venerável idade. Um contraste gritante é produzido pelas cópias delas feitas pelos alunos. Se as cores das velhas pinturas já estão apagadas, as modernas brilham com abundância. Vermelho, amarelo, verde etc, aparecem em toda a sua pureza, e técnicas como misturar, suavizar e combinar, evidentemente, nunca foram consideradas. Até o momento eu não sei determinar se os habéis alunos intencionavam formar uma nova escola de coloração ou se tinham apenas o desejo de compensar, nas cópias, o estrago que o tempo fez aos originais.

191

Entre os alunos haviam tantos negros e mulatos quanto brancos; mas o número total era verdadeiramente pequeno.

A música está em um escalão ainda mais baixo do que a pintura, pelo menos no que refere-se ao piano e ao canto. Em todas as famílias se ouve a filha tocar e cantar, mas as inocentes criaturas não têm sequer uma noção remota de tato, estilo, arranjos, tempo etc, fazendo com que as melodias mais simples e famosas soem irreconhecíveis. As músicas de igreja são um pouco melhores, ainda que os arranjos da Capela Imperial estejam sujeitos a melhorias. As bandas militares são certamente as melhores, e elas geralmente são compostas por negros e mulatos.

O exterior da Ópera não apresenta nada de muito belo ou surpreendente aos olhos, e fica-se muito surpreso ao encontrar, logo na entrada, um cômodo grande e claro e um palco largo e profundo, que pode abrigar cerca de duas mil pessoas. Quatro fileiras de cabines confortáveis se erguem uma sobre as outras e suas balaustradas, formadas por treliças muito delicadas forjadas a ferro, dão ao teatro uma aparência de muito bom gosto. O andar térreo só pode ser frequentado por homens. Eu vi a ópera *Lucrezia Borgia* sendo representada por uma

companhia italiana de maneira satisfatória; as decorações e os figurinos também não eram maus.

Mas, se a visita ao teatro foi uma surpresa bem-vinda, a visita ao Museu foi completamente o oposto. Eu esperava, em um país com uma natureza tão rica e exuberante, um museu tão grande e rico quanto – e encontrei um grande número de salas, que um dia até podem ser preenchidas, mas que agora encontram-se vazias. Apenas a coleção de pássaros me pareceu completa e boa; a coleção de minerais é incompleta, e a coleção de animais e insetos é completamente pobre. Os objetos que mais ocuparam minha curiosidade foram quatro cabeças de selvagens muito bem conservadas, dentre as quais duas pertenciam a malaaios e duas a tribos da Nova Zelândia; não me cansei de observar principalmente as duas últimas, já que eram completamente cobertas com tatuagens com um desenho belo e elegante, e estavam tão bem preservadas como se seus donos tivessem acabado de morrer.

Durante o período da minha estadia no Rio de Janeiro, as salas do museu passavam por reparos, e falava-se também sobre uma nova classificação dos diferentes objetos. Por conta disso, o espaço não estava aberto à visitação, e eu agradeço a bondade do Senhor Diretor Riedl de ter permitido minha visita. Ele próprio foi meu guia e, assim como eu, lamentou que, em um país com uma formação tão rica que a construção de um museu seria uma tarefa fácil, tão pouco havia sido feito.

Também visitei o estúdio do escultor Petrich, nascido em Dresden, trazido de Roma pela corte local especialmente para fazer uma estátua do imperador em mármore de carrara. O imperador é representado em seu tamanho real, de pé, completamente ornado e vestindo a manta imperial sobre os ombros. A cabeça ficou muito parecida e a figura foi trabalhada na pedra com grande capacidade artística. Acredito que o monumento tenha sido feito para alguma construção pública.

(...)

Sobre Ida Pfeiffer

Ida Pfeiffer (1797–1858) foi uma escritora austríaca que começou a viajar – e escrever relatos sobre suas viagens – depois dos 40 anos. Com cinco livros publicados (quatro em vida e um póstumo), chegou a dar duas voltas ao mundo e suas narrativas chegaram a ser best-sellers da Áustria no período de publicação. O trecho apresentado é o começo do segundo capítulo do livro *Eine Frau fährt um die Welt*, relato de sua primeira volta ao mundo, cuja primeira parada foi o Brasil – onde ficou mais de dois meses.

REFERÊNCIA

PFEIFFER, Ida. **Eine Frauenfahrt um die Welt** - Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti, China, Ost-Indien, Persien und Kleinasien. Wien: Carl Gerold/Drifter Band, 1850.

^{i*} Gisele Jordana EBERSPÄCHER – Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (2011) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Especialista em Comunicação, Cultura e Arte (2013) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduanda em Letras Português e Alemão, com ênfase em Estudos da Tradução. Mestranda em Letras na Universidade Federal do Paraná. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências, Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras. Curitiba, Paraná, Brasil.

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/4687520830917534>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5195-980X>

E-mail: gisele.eberspacher@gmail.com

ⁱⁱ N.T.: Atualmente chamada de Praça Tiradentes.

ⁱⁱⁱ N.T.: Carruagens de maior porte, movidas a cavalo.

^{iv} N.T.: os Arcos da Lapa constituem o único trecho ainda existente do antigo aqueduto. Inaugurado em 1750 para levar água doce para diferentes lugares da cidade, foi desativado e passou a ser usado como suporte para bondinhos a partir de 1896.